

# # IO RESTO A CASA<sup>1</sup>: VOZES (IN)ATIVAS E (RES)SIGNIFICADAS

# *io resto a casa: (in)active and (res)signified voices*

Daniela Bunn

 <https://orcid.org/0000-0002-3072-7599>

Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Metodologia de Ensino,  
Florianópolis, SC, Brasil. 88040-900 – [secretariamen@gmail.com](mailto:secretariamen@gmail.com)

**Resumo:** Ao pensar na poética e na potência da voz em tempos de pandemia, este artigo pretende lançar algumas reflexões sobre a (res)significação da voz durante o confinamento. Privados do corpo, do contato físico, a voz potencializa-se, em contextos poéticos ou não. Ficamos sem imagem, mas não podemos ficar sem a voz, tornamo-nos combatentes de uma grande máquina de guerra, como já afirmava Freud, em 1915, combatemos ou estagnamos e, dessa forma, (re)encontramos nossos estilhaços no espelho e reorganizamos a imagem. Com base em *A letra e a voz*, de Paul Zumthor (2001), e no texto “Cultura é memória”, de Jerusa Pires Ferreira (1995), toma-se como exemplo a Ratoeira, praticada no litoral catarinense, para pensar a relação da voz e da memória. É um artigo que resulta de pesquisas bibliográficas sobre a relação do corpo e da voz, sobre a manifestação popular de tradição oral chamada Ratoeira e que procura ligações com o momento atual da pandemia, no qual estamos reaprendendo a escutar e a combater com palavras. Para esse combate, a voz e a literatura desempenham importante papel.

**Palavras-chave:** Voz poética. Tradição popular. Ratoeira. Pandemia. Memória.

**Abstract:** When considering poetics and the power of the voice in times of pandemic, this article intends to launch a few reflections on the (res)signification of the voice during confinement. Deprived of the body and physical contact, the voice is enhanced, in poetic contexts or not. We are left without image, but we cannot be without the voice, becoming fighters of a huge war machine. Accordingly to Freud in 1915, we fight or stagnate, and in this way, (re)discover our fragments in the mirror and reorganize the image. Based on the book *A letra e a voz*, by Paul Zumthor (2001), and the text “Cultura é memória”, by Jerusa Pires Ferreira (1995), a Ratoeira is taken as an example, practiced on the coast of Santa Catarina, to reflect on the relationship of voice and memory. This article results from bibliographic research on the relationship of the body and voice, the popular manifestation of an oral tradition called Ratoeira,



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> O decreto de quarentena italiana, durante a pandemia do Covid-19, intitulado *Io resto a casa* (eu fico em casa), começou a vigorar no dia 9 de março e suspendeu aulas, missas, funerais, competições esportivas e fechou alguns comércios. No dia 11, o governo incluiu também o fechamento de bares e restaurantes. *Io resto a casa* tornou-se um *slogan* muito difundido nas redes sociais e é reportado neste texto remetendo ao momento e ao local de sua elaboração.

and it seeks connections with the current moment of the pandemic, in which we are relearning to listen and fight with words. For this combat, voice and literature play an essential role.

**Keywords:** Poetic voice. Popular tradition. Ratoeira. Pandemic. Memory.

### **Em cena, a voz – considerações introdutórias**

O indivíduo que não se tornou um combatente e, portanto, uma partícula da enorme máquina de guerra, sente-se perplexo quanto à sua orientação e inibido em sua capacidade de realização. Penso que acolherá de bom grado qualquer indicação que o ajude a situar-se pelo menos no seu próprio íntimo. (FREUD, 2010 [1915], p. 157).

Correr o dedo pelas prateleiras de livros, afastar um porta-retrato, puxar um livro de capa verde, esmorecido, passar levemente a mão esquerda sobre ele e tirar a poeira, enquanto o ouvido direito dava atenção ao encontro com o grupo de pesquisa Estrada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), numa articulada reflexão *online* sobre o *Decameron*, entremeada de paradoxos e paralelos entre a peste negra, o Covid-19 e as proposições de Freud sobre a guerra e a morte pela voz do professor Dr. Andrea Lombardi<sup>2</sup>. A pandemia que nos assola faz-nos revisitar a potencialidade da voz, pois ficamos perfeitamente, nas inúmeras *lives* teóricas, sem transmissão da imagem, mas não podemos ficar sem a voz. Estamos reaprendendo a escutar, limitados ao espaço da casa na qual estamos confinados.

A cena que descrevo é de uma segunda-feira qualquer da quarentena, quando Jerusa Pires Ferreira e Paul Zumthor, no encontro de *A letra e a voz* (2001) convidam-me a revisitar escritos e a repensar sobre a voz enquanto o corpo se mantém sob vigilância. Um mosaico de ideias, de *lives*, conferências *online*, *hangouts* põem-se à mesa. Privados do contato pessoal, (de)(i)solados, mantendo-nos fixos no fio de Ariadne, tentamos ouvir e falar por meios digitais, interrompidos por problemas técnicos, filhos, obras no andar de cima, vizinhos surtando pela janela, tentamos, impreterivelmente, exercitar uma espécie de *mindfulness* digital. Ao mesmo tempo em que há potencialidade no momento em que o corpo virtual se manifesta, há, de certa forma, uma sensação de incompletude. Este paradoxo (paradoxos são tão caros ao professor Lombardi) dissocia, corpo físico e corpo virtual que, por sua vez, nos traz limitações, afinal, o corpo virtual *n'est pas une pipe*, é a traição da própria imagem, é, apenas, nosso corpo espelhado.

Retorno então à cena, à prateleira de livros, ao momento em que a poeira baixou, a transmissão terminou, momento no qual abro aleatoriamente *A letra e a voz*, de Zumthor (2001), traduzido em 1993, por Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro, e vejo o que me espera. E o medievalista me (re)conta ao pé do ouvido:

---

<sup>2</sup> O grupo de pesquisa Estudos de Tradução e Adaptação (Estrada), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é coordenado pelo professor Dr. Andrea Lombardi (<https://estrada.letas.ufrj.br/>). O encontro mencionado refere-se a um movimento iniciado pelo grupo, durante a pandemia de Covid-19, que tem como premissa a literatura como cura, não como meio terapêutico, mas como possibilidade de acumulação de saber e conhecimento. O curso de extensão *online* "Renasença: Cultura e Barbárie", configura-se em encontros semanais e preocupa-se em ler o presente com base na análise do passado. As amarrações deste texto são feitas da pesquisa bibliográfica e das discussões iniciais com esse grupo de pesquisa.

A tensão a partir da qual o poema oral é constituído se desenha entre a palavra e a voz e procede de uma quase contradição entre suas finalidades respectivas; entre a finitude das formas do discurso e a finitude da memória; entre a abstração da linguagem e a espacialidade do corpo. Isso porque o texto oral não se preenche jamais; não satura nunca todo seu espaço semântico. (ZUMTHOR, 2001, p. 161-162).

Ao modo do texto poético mencionado por Zumthor (2001), no espaço existente entre a palavra do poema e a voz, existe o corpo, o veículo de guerra. Na ausência desse corpo que se performa ao vivo, resta-nos então a voz e, por vezes, a imagem. E o texto oral, como afirma o escritor, não se satura; não para de produzir círculos, como a metáfora da pedra jogada no pântano, utilizada pelo escritor italiano Gianni Rodari (1982), na qual “objetos que estavam ali por conta própria, na sua paz ou no seu sono, são como que chamados para a vida, obrigados a reagir, a se relacionar. [...] Em um tempo brevíssimo, inúmeros eventos sucedem-se [...]” (RODARI, 1982, p. 12). Essa metáfora pode, atualmente, ser empregada de duas formas: a primeira, relaciona-se à memória, que, remexida, gera inúmeras associações e lembranças; a segunda, à pandemia, que, como uma pedra jogada no pântano, mexeu com nossas estruturas, chamando “para a vida” pais sem tempo, professores sem internet, artistas sem público, e fomos obrigados a reagir e a criar novos modos de relação.

Ao remexer na memória teórica, revisito *A letra e a voz* (2001) de Zumthor e lembro de uma pesquisa realizada na disciplina da Pós-graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, ministrada pela professora Dra. Alai Garcia Diniz, ensaísta, poeta, tradutora, pesquisadora e performer, na qual estudamos uma manifestação da tradição oral do litoral catarinense, denominada Ratoeira. Retomo meu singelo estudo sobre Ratoeira para nosso contexto atual na tentativa de amarrar memória, tradição popular e oralidade.

### **Ratoeira bem cantada: a memória e a oralidade**

Vilson Francisco de Farias (1998), historiador, designa a Ratoeira com uma cultura de base açoriana catarinense devido às modificações provocadas na cultura local, em meados do século XVIII, pelos imigrantes vindos dos Açores (apud BUNN, 2006, p. 2). A Ratoeira é uma forma de manifestação poética, oralizada, performatizada, jogada; uma dança, uma brincadeira de roda de origem popular. Os versos lançados na roda, ao modo da pedra no pântano de Rodari, tomam rumos e proporções inesperadas. Até 1950 era utilizada por jovens e, atualmente ganha força com grupos folclóricos de idosos<sup>3</sup>, mas ainda se conserva na memória das que eram moças naquela época. Faz-se uma grande roda e, ao centro, alguém canta ou recita versos jocosos, recados pessoais ou amorosos são lançados pela voz poética, como o próprio nome ressalta, no intuito de prender alguém na grande roda da ratoeira. Das entrevistas que realizei em 2004, por conta da disciplina da Pós-Graduação, resgato alguns versos:

Ratoeira não me prenda

---

<sup>3</sup> Como, por exemplo, o Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina (NEA/UFSC). Informações disponíveis em: <https://nea.ufsc.br/sobre>.

que eu não tenho quem me solte  
a prisão da ratoeira  
é como a prisão da morte

Da parreira nasce a uva  
da uva se faz o vinho  
teus braços serão a gaiola  
eu serei teu passarinho

Eu entrei na ratoeira  
mas não foi para cantar  
quem o meu coração queria  
na ratoeira não está

Minha mãe quer me casar  
prometeu tudo que tinha  
depois de me ver casada  
deu três sacos de farinha (BUNN, 2006, p. 3-4).

Se pegarmos sentidos da palavra “ratoeira” encontraremos muitas opções como artifício enganador, cilada, ardil, armadilha. Para tanto, cair na ratoeira é, logo, ser vítima de uma cilada. Não à toa, os versos citados na primeira quadra ressaltam o desejo de não ser preso na ratoeira, não ficar em saia justa, não ouvir um galanteio. Ao mesmo tempo, na quadra seguinte, temos o paradoxo de ser preso numa gaiola como passarinho, um desejo desejado, porém tímido e envergonhado, na maioria dos casos. A ratoeira é uma maneira performática de brincar e de lançar uma piscadela sobre o outro também nos versos de improviso.

Confinados, atualmente, em nossas ratoeiras, resta-nos a memória da voz dessas moças/senhoras que cantaram para suas filhas e netas, que anotaram alguns versos, que são mantidos hoje como manifestação cultural e identitária. Artigos, livros, documentários, pesquisa, entrevistas, projetos de extensão, iniciativas culturais ajudam a preservar essa identidade. Embora Zumthor (2001) fale, por vezes, da transição do texto escrito para a poesia cantada, aqui temos uma inversão. O texto oral que se registra, não por quem canta, mas por quem escuta e quer preservá-lo em sua memória. A ligação entre voz e poesia, neste caso, é diferente, pois a tradição oral precede a escrita.

Na dialética entre memória e esquecimento, é possível relembrar um texto de Jerusa Pires Ferreira, escrito em 1995, sobre a morte de Lotman, para quem, “a cultura, em essência, se dirige contra o esquecimento” (apud FERREIRA, 1995, p. 117). Os elementos que propiciam a lembrança, os vários tipos de lembrança, as estratégias e os impasses que geram o esquecimento são elencados no artigo. O que Lotman denomina memória da coletividade (a longevidade dessas memórias) se move, como afirma, paralelamente a chegada de novos textos culturais: “um texto[aquí no sentido amplo] se define pelo tipo de memória que ele necessita para ser entendido. Reconstruindo o tipo de memória comum que partilham o texto e seu consumidor, descobre-se a imagem da leitura escondida nele.” (FERREIRA, 1995, p. 119): memória e/cultura.

A poética da voz em tempos digitais, na impossibilidade de roda, da dança, da brincadeira,

permanece na memória e na sedução dos cantos. E na dança de roda, nos versos de improviso, continuo ouvindo o que Zumthor (2001, p. 160) me expressa na página aberta ao acaso:

Ao texto oralizado – na medida em que, pela voz que o traz, ele engaja um corpo – repugna mais que ao texto escrito a percepção que o diferencia de sua função social e do lugar que ela lhe confere na comunidade real; da tradição que talvez ele alegue, explícita ou implicitamente; das circunstâncias, enfim, nas quais se faz escutar.

Ao ler a Ratoeira percebemos a rima, criamos nosso ritmo de leitura, que é diferente do ritmo oral que se põe quando as ouvimos cantadas e das circunstâncias, como afirma o escritor, de que se faz escutar. Novamente a voz tem seu lugar marcado. Diria que a leitura solitária de um verso de Ratoeira não enseja todos seus significados, mas que, uma vez ouvida sua melodia, todos os versos se ressignificam. Segundo Zumthor (2001), no capítulo “Memória e Comunidade”, a voz poética assume a função coesiva e estabilizante que garante a sobrevivência do grupo social. O medievalista alerta, porém, sobre o paradoxo, por conta do deslocamento de seus intérpretes no tempo, no espaço e em si mesmo a voz poética está também em toda a parte, integrada nos discursos comuns, conhecida, referenciada, permanente e segura. Mesmo dispersada no tempo, é a voz poética que os reúne no instante da performance<sup>4</sup>, a voz poética é memória, afirma (ZUMTHOR, 2001) e essa memória configura-se duplamente de forma coletiva e individual. São provocações que nos impulsionam a repensarmos a importância da voz.

Peço ao leitor que assista ao documentário “Versos da Ilha” (2010) e depois volte à leitura dos versos de Ratoeira que citei nas páginas anteriores e trace um paralelo entre a primeira leitura e a segunda, após conhecimento da melodia dessa tradição oral. São deslocamentos necessários para que as vozes se ressignifiquem e passem de vozes inativas em nossa memória para vozes ativas, por meio da experiência visual. Assim, “a tradição é a série aberta, indefinidamente estendida, no tempo e no espaço, das variáveis de um arquétipo. Numa arte tradicional, a criação ocorre em performance” (ZUMTHOR, 2001, p. 143). Dessa forma, ao falar de perspectivas e deslocamentos necessários o escritor afirma que, “o prestígio da tradição, certamente, contribui para valorizá-lo [o texto]; mas o que o integra nessa tradição é a ação da voz” (ZUMTHOR, 2001, p. 18).

Dos quatro tipos gerais de oralidade, tipologias não necessariamente excludentes e cronológicas, segundo Zumthor (1985), está o que denominou de “oralidade primária”, presente nas sociedades ágrafas, nas quais a língua falada era o único canal de comunicação; a “oralidade mista”, na qual a escrita exerce parcial influência (como a predominante na Idade Média); a “oralidade secundária”, na qual acontece o contrário, a voz existe a partir da escrita e se sobressai e a “oralidade mediatizada”, conhecida pela interferência da mídia (*walk-talk*, satélite de comunicação ou os que conhecemos atualmente) e se configura pela ação de meios eletrônicos de comunicação. Para o escritor, acontece-nos perceber no texto o rumor, ora

---

<sup>4</sup> Para Zumthor (2001), performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente transmitida e percebida no momento.

vibrante, ora confuso, de um discurso da voz que o carrega, por isso exige uma escuta singular, comporta seus índices de oralidade que nos levam a construir o simulacro de um objeto. O simulacro é também uma tradição oral, pois é a estabilidade que a voz doou à obra, em si tão fugaz, como afirma o escritor.

### **#io resto a casa: indicações de guerra**

Ao revistar esses textos, ao fazer essa pesquisa de cunho bibliográfico, ao continuar trazer da memória a Ratoeira, mesmo dentro de nossos microambientes de casa, com o objetivo de refletir sobre o papel da voz em tempos de pandemia, este artigo é uma resposta à inibição de que falava Freud (2010). Somos combatentes sim e, por meio da literatura, da crítica literária, tornamos nossas vozes difundidas. É uma maneira também de fazermos memória, de revermos nossos velhos textos, amá-los ou odiá-los, não importa. Somos partículas da máquina de guerra e tentamos soltar algumas faíscas, refletir, entrelaçar, envozeirar nossas ideias<sup>5</sup>. E os indivíduos estão se readaptando, produzindo, liveando, e aliviando tensões em uma enxurrada de proposições concomitantes de corpos espelhados. Penso que antes estávamos em vários lugares, por isso a metáfora do estilhaço. É o momento de juntarmos esses cacos, o eu-professora, o eu-mãe, o eu-escritora, o eu-faxineira, o eu-cozinheira e tantos outros eus, agora, unidos num só espaço. Hans Ulrich Gumbrecht (1999), no texto “Minimizar Identidades”, falava da constante troca de identidades minimizadas, hoje, estão todas maximizadas, todas as janelas estão abertas. Zumthor (2001), em sua concepção de performance, conecta memória ao futuro (FERREIRA, 2007) e, no atual momento de quarentena, é a forma de continuar com a Ratoeira, pela oralidade mediatizada. Na Idade Média, a prática da quarentena era utilizada durante a peste negra. Variante veneziana de uma *quarantina di giorni*, a palavra *quarantena* provém do fato de que, quando as autoridades de um porto suspeitavam da doença entre os passageiros ou tripulantes de um navio, esse deveria ficar quarenta dias sem atracar. Aproveitando essa onda, retorno ao início do texto e relembro o encontro coordenado pelo professor Andrea Lombardi, no qual foram traçadas relações entre a obra *Il Decameron*, de Giovanni Boccaccio, escrita entre 1348 e 1353, durante o surto da peste negra em 1348. O livro é estruturado a partir de 100<sup>6</sup> contos, contados por sete moças e três rapazes, durante dez dias de isolamento por conta da peste negra. É hora de ler o passado e aprender novamente com ele. Contamos, hoje, nossas histórias pela internet, pelas redes sociais, revivemos na memória as vozes de nossa tradição, a voz da memória, a voz da literatura que cura, ressignificando-as, juntando nossos estilhaços, espelhando nossas imagens, encontrando virtualmente amigos que há muito não víamos, porque incrivelmente temos algo perdido há muito tempo: o próprio tempo.

---

<sup>5</sup> Como exemplo, a Revista Eletrônica de Divulgação Científica *Literatura Italiana Traduzida no Brasil*, que cria um espaço de discussão sobre o momento atual da pandemia e a literatura, dentro do projeto “Krisis”, numa ação do Núcleo de Estudos Contemporâneos de Literatura Italiana (NECLIT), disponível em: <https://neclit.ufsc.br/2020/05/01/blog-literatura-italiana-traduzida>.

<sup>6</sup> De Andrea Lombardi (2012) sugiro o artigo “O Diabo no corpo: uma leitura do *Decameron* de João Boccaccio”, e a escuta da entrevista concedida à *Revista Insieme* sobre a peste bubônica, o coronavírus e *Il Decameron*, no podcast disponível em: <https://www.insieme.com.br/pb/podcast/peste-bubonica-coronavirus-e-il-decameron/>.

## Agradecimentos

Ao professor Andrea Lombardi, pelas reflexões em tempos de pandemia.  
À Alai Garcia Diniz por me apresentar à Ratoeira.  
À voz das rendeiras que ressonam em meus ouvidos a melodia da Ratoeira.

## Referências

BUNN, Daniela. Ratoeira bem cantada, manifestação popular. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, 7, 2006, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2006, p. 1-5. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/D/Daniela\\_Bunn\\_56.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/D/Daniela_Bunn_56.pdf). Acesso em: 25 maio 2020.

FARIAS, Vilson Francisco de. *Dos Açores ao Brasil Meridional: uma viagem no tempo – 500 anos Litoral Catarinense*. 2.ed. Florianópolis: Edição do Autor, 1998. V. 1.

FREUD, Sigmund. Considerações atuais sobre a guerra e a morte [1915]. In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 156-184.

FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é memória. *Revista USP*, São Paulo, n. 24, p. 114-120, dez./fev. 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i24p114-120>. Acesso em: 23 maio 2020.

FERREIRA, Jerusa Pires. O universo conceitual de Paul Zumthor. *Revista do IEB*, n. 45, p. 141-152, set. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i45p141-152>. Acesso em: 18 maio 2020.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Minimizar identidades. In: JOBIM, José Luís (Org.) *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 115-124.

LOMBARDI, Andrea. O Diabo no corpo: uma leitura do Decameron de João Boccaccio. *Alea*, v. 14, n. 14, p. 180-200, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2012000200003>. Acesso em: 25 mai. 2020.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Trad. de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

VERSOS da Ilha. [S.l.: s.n.], 2010. 1 vídeo (ca, 13 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pqlfgwVfJpU>. Acesso em: 15 maio 2018.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz. A “literatura” medieval*. Trad. de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ZUMTHOR, Paul. A Permanência da Voz. *O Correio*, Rio de Janeiro, ano 13, n. 10, p. 4-8, out. 1985.

## NOTAS DE AUTORIA

**Daniela Bunn** ([daniela.bunn@ufsc.br](mailto:daniela.bunn@ufsc.br)) é doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, atua no Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Traduziu treze livros de literatura infantil

(italiano/português e português/italiano). Tem artigos publicados na área de literatura, tradução, metodologias do ensino de português e de italiano.

#### **Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista**

BUNN, Daniela. # io resto a casa: vozes (in)ativas e res(significadas). *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 78-85, 2020.

#### **Contribuição de autoria**

Não se aplica.

#### **Financiamento**

Não se aplica.

#### **Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica.

#### **Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica.

#### **Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

#### **Histórico**

Recebido em: 30/05/2020

Aprovado em: 03/08/2020

